



QUESTÕES DE GÊNERO E CIDADANIA NO ROMANCE *NIKETCHE* DE PAULINA CHIZIANE

Ms. Lurdes Rodrigues da Silva¹

RESUMO

O presente texto tem como objectivo analisar as questões de género e cidadania em *Niketche*, um romance da escritora moçambicana Paulina Chiziane, tendo em conta a problemática relação entre o sexo masculino e feminino; o feminino é, numa primeira fase, subjugado pelo masculino, detentor do poder económico e social, mas consegue, numa segunda fase, conquistar a sua independência económica.

Palavras-chave: Género; Cidadania; *Niketche*.

ISSUES OF GENDER AND CITIZENSHIP IN ROMANCE *NIKETCHE* DE PAULINA CHIZIANE

ABSTRACT

The present article aims at analyzing the issues of gender and citizenship at *Niketche*, a novel of Mozambican writer Paulina Chiziane, taking into account the problematic relationship between male and female; the female is, firstly, dominated by the male which has economic and social power, but secondly, she conquers economic independence.

Key-words: Gender; Citizenship; *Niketche*.

INTRODUÇÃO

O papel da literatura na representação das questões de género e cidadania é inquestionável. Vários são os autores, pelo globo, que retratam, nas suas obras, estes aspectos, dentre os quais destacamos alguns escritores africanos: Caetano Costa Alegre, em São Tomé e Príncipe; Conceição Lima e Dina Salústio, em Cabo Verde; José Craveirinha, Mia Couto e Paulina Chiziane, em Moçambique, entre outros. A presente comunicação procura analisar a questão do género e cidadania no romance *Niketche*², da escritora moçambicana Paulina Chiziane, no que concerne ao modo como se apresenta a relação entre o sexo masculino e feminino; o feminino

¹ Mestre em Gestão e Liderança Educacional pela *The University of Sydney* – Austrália, Licenciada em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) – Moçambique e Docente das disciplinas de Literatura Oral, Literatura e Cultura Moçambicana e História das Ideias na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM em Maputo, Moçambique; colaboradora do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa -Instituto Médio de Ciências Documentais – CIDOC. E-mail: <lourdes.silva@uem.mz>.

² *Niketche* – dança de amor (pertencente às províncias moçambicanas de Zambézia e Nampula).



é, numa primeira fase, subjugado pelo masculino, mas consegue mais tarde reverter esta situação ao conquistar a independência económica. Para atingir os objectivos propostos, apresentar-se-á primeiro o resumo do romance *Niketche*, seguido da análise do mesmo, tendo em conta a problemática relação de género e questões de cidadania nele abordados.

RESUMO DO ROMANCE NIKETCHE

Niketche retrata a história da vida amorosa e conjugal de Rami (Maria Rosa), mãe de cinco filhos e casada, oficialmente, há vinte anos com Tony (António Tomás), Comandante da Polícia. Rami, nascida no Sul de Moçambique, foi educada segundo as regras do cristianismo, deixando de lado toda a cultura de origem bantu. Ela era apaixonada pelo marido, cumpria religiosamente com o seu papel de esposa obediente e fazia-lhe todas as vontades, chegando a sacrificar muitos dos seus sonhos. Tony, também nascido no Sul de Moçambique, pertencente ao grupo étnico Changana, era mulherengo e tinha várias mulheres e filhos espalhados pela cidade de Maputo. Rami raramente via o seu marido e tinha que educar os filhos praticamente sozinha, o que a deixava bastante desgostosa. Tony apenas vinha a casa trocar de roupa para depois voltar a sair, como ele dizia, para controlar os bandidos que, durante a noite, andavam à solta. Contudo, Rami, que já estava cansada das suas mentiras e traições, decide ir atrás da mulher que lhe roubava o marido. Ela sabia que o marido tinha uma amante, Ju (Julieta), com quem tinha seis filhos. Ao chegar à casa da Ju, depois de muita pancadaria, Rami descobre que Tony tinha outras mulheres. A partir daqui, segue-se uma série de encontros e discussões com as outras mulheres do marido: Lu (Luísa), mulher da etnia Sena, do Centro de Moçambique; Saly, da etnia Makonde, no Norte de Moçambique; e Mauá, da etnia Macua, no Norte de Moçambique. Rami, ao dar-se conta de que tem muitas rivais, decide lutar contra elas para reconquistar o amor do marido. Procura conselheiras do amor, feiticeiros, para que tragam o seu marido de volta, mas sem sucesso. Finalmente, Rami decide que, se não pode ter o marido só para ela, deve partilhá-lo, ao fazer-se aliada das outras mulheres. Convoca-as para um encontro, expõe as suas ideias e consegue o apoio das rivais. Decide apresentar as quatro mulheres de Tony e os seus respectivos filhos no aniversário de cinquenta anos do mesmo. A

partir deste dia, com a ajuda da família, Rami decide oficializar a poligamia, convencendo o marido Tony a *lobolar*³ as suas quatro amantes. Com esta atitude, Rami torna-se, como primeira esposa, líder e responsável pelas quatro. Seguem-se escalas semanais para que cada uma fique com o marido. Rami transforma as quatro mulheres de Tony, antes dependentes financeiramente do esposo para a sua sobrevivência, em empresárias de sucesso. Com o passar dos tempos, Rami e as quatro esposas de Tony descobrem que ele havia arranjado mais uma mulher, uma mulata chamada Eva. Neste tempo, Tony é dado como morto, quando na verdade tinha viajado para Paris com a sua mais recente conquista, Gaby. Rami é submetida ao ritual de purificação da morte, chegando a perder todos os seus bens conquistados em vinte anos. Quando Tony regressa, implora por perdão e promete ser um marido exemplar para as cinco esposas. Porém, passado algum tempo e no meio de tanto desengano e sofrimento, as quatro esposas de Tony já tinham encontrado outros amores e decidem abandoná-lo. Tony achava que Rami seria o seu porto seguro, mas acaba descobrindo que a mesma está grávida de Levy, seu irmão. Ela tinha concebido no dia do ritual de purificação da morte de Tony. Tony, que teve cinco mulheres a seus pés, acaba sozinho, abandonado por todas.

ANÁLISE DO ROMANCE *NIKETCHE*

Nikette retrata e problematiza a questão de género e cidadania na sociedade moçambicana. O romance procura retratar estes aspectos, servindo-se das suas personagens e utilizando exemplos das suas histórias de vida. Neste âmbito, começaremos por abordar a questão de género seguida da de cidadania.

A PROBLEMÁTICA RELAÇÃO ENTRE O SEXO MASCULINO E FEMININO EM *NIKETCHE*

Género refere-se, como é sabido, às relações desiguais entre homens e mulheres; é uma construção social do papel dos sexos masculino e feminino (CABRAL E DIAZ, 1999). A sociedade

³ Lobolar - matrimónio tradicional.

estabelece ideias de como devem ser as relações entre os homens e as mulheres, as relações entre as mulheres e as relações entre os homens. Para Cabral e Diaz (1999), o papel atribuído aos dois sexos é construído desde a gestação, passando pelo nascimento até a educação das crianças. Como estes autores ilustram, o enxoval é preparado consoante o sexo do bebé: rosa para meninas e azul para rapazes; as meninas são incentivadas a ser passivas, dóceis e sensíveis, brincando com bonecas e outros brinquedos relacionados com a gestão do lar, enquanto os rapazes são educados para que tenham em mente que pertencem ao grupo poderoso, brincando com carrinhos, armas, bolas. Essa diferença de hierarquia entre os sexos tem consequências políticas, económicas, sociais e culturais. Na maioria das sociedades, o sexo masculino tem mais valor. Neste artigo, ao falarmos de género, procuraremos enfatizar o poder do sexo masculino sobre o feminino retratado ao longo do romance *Niketche*.

Esta questão do género como algo resultante de uma construção social onde o masculino tem, em muitas sociedades, mais valor, é retratado em quase todo o romance *Niketche*. Em *Niketche*, as mulheres, desde o nascimento até a morte, aprendem a ser submissas e obedientes, e os homens aprendem, desde cedo, a ser donos das suas esposas. *Niketche* traz à tona esses aspectos quando, ao longo do romance, a personagem Lu (terceira mulher de Tony), mostra que a mulher, desde a sua nascença até à morte, é colocada numa posição subalterna, que começa mesmo com os rituais de anunciação do recém-nascido: o número de batucadas para anunciar o nascimento de uma menina é três, enquanto do menino é cinco (CHIZIANE, 2009, p. 161).

Mais ainda, a celebração da cerimónia de nascimento tradicional de rapazes e raparigas é feita de maneira diferente, favorecendo os primeiros. A cerimónia da rapariga é feita ao relento e exige-se que se mate um animal de pequeno porte, como uma galinha, enquanto a cerimónia do rapaz é feita dentro de casa ou debaixo da árvore de antepassados e mata-se um animal de grande porte, como uma vaca ou cabra (CHIZIANE, 2009, p.161).

A lista de desvantagens que a criança do sexo feminino sofre não termina por aí. Através da história da princesa insubmissa Vuyiase, fica-se a saber que o menino é amamentado por muito mais tempo, dois anos, enquanto a menina, por menos tempo, apenas um ano (CHIZIANE, 2009, p. 157).

A criança do sexo feminino aprende, desde cedo, a ocupar um lugar à sombra do seu irmão. Ela deve obediência ao pai, ao irmão e, quando cresce, transformada em mulher, ao marido. É dever de a mulher casada ouvir e cumprir as ordens do marido, como se pode comprovar a partir dos seguintes pensamentos de Rami:

[...] cerramos as nossas bocas e as nossas almas. Por acaso temos direito à palavra? E por mais que a tivéssemos, de que valeria? Voz de mulher serve para embalar as crianças ao anoitecer [...] Mulher deve ouvir, cumprir, obedecer. (CHIZIANE, 2009, p. 154).

Rami tem consciência que a situação de subalternidade da mulher está tão enraizada que, mesmo achando que as coisas não estão certas, elas nada poderiam fazer para mudar a situação, acabando por mostrar um aparente conformismo relativamente ao papel a elas atribuído.

Na verdade, a menina é educada tendo em conta os parâmetros atrás mencionados e, quando cresce, transformada em mulher e dona de um lar, sabe que deve cumprir com os três ingredientes básicos para o sucesso do seu matrimónio: ouvir, cumprir e obedecer ao marido. Ela sabe que não deve, em hipótese alguma, desobedecer ao marido e conhece de cor e salteado as regras de como deve servi-lo, sob a pena de ser severamente castigada, não apenas pelo respectivo esposo, mas também pelos familiares e pela comunidade. A mulher que desodedece o cumprimento das regras do matrimónio é castigada e toma-se o exemplo do castigo de Vuyaze, a princesa insubmissa, contada por uma das tias de Tony, como modelo e guia para as mulheres casadas. A triste história desta princesa insubmissa mostra às mulheres o que se deve e o que não se deve fazer num matrimónio:

Era uma vez, uma princesa. Nasceu da nobreza, mas tinha o coração de pobreza. Às mulheres sempre se impôs a obrigação de obedecer aos homens. É a natureza. Esta princesa desobedecia ao pai e ao marido e só fazia o que queria. Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava, retribuía. Quando cozinhava galinha, comia moelas e comia coxas, servia ao marido o que lhe apetecia. Quando a primeira filha fez um ano, o marido disse: vamos desmamar a menina e fazer outro filho. Ela disse que não. Queria que a filha mamasse dois anos como os rapazes, para que crescesse forte como ela. Recusava-se a servi-lo de joelhos e a aparar-lhe os pentelhos. O marido, cansado de insubmissão, apelou à justiça do rei, pai dela. O rei, magoado,

ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e estampou-a na Lua, para dar um exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da Lua, de trouxa à cabeça e bebé nas costas. É a Vuyaze, a princesa insubmissa estampada na Lua. É a Vuyaze, estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo [...]. (CHIZIANE, 2009, p. 157).

A história de Vuyaze serve para orientar as mulheres durante a vida conjugal. Ela indica, dentre outras coisas, que a mulher deve obedecer ao pai e ao marido, deixando de lado os seus próprios desejos e anseios.

Nesta sociedade onde a mulher deve ser submissa, o homem tem bastante poder; ele pode fazer tudo o que quiser, incluindo ser polígamo. A mulher deve apenas aceitar o seu destino e não interferir na vida do marido, como Tony mostra às suas cinco esposas quando elas questionam sobre a sua mais recente conquista amorosa:

Sentes-te realizado connosco, não é, Tony? – Pergunta a Lu com voz trémula.
- Muito, muito!
– O que te faz então procurar outra mulher?
– Nova quê?
– Estamos a falar de Eva, a mulata.
Ele sente que está na ratoeira, mas depressa recupera a calma, levanta a voz e responde sem rodeios.
– Vontade de variar, meninas. Desejo de tocar numa pele mais clara. Vocês são todas escuras, uma cambada de pretas.
– Sabujo de coração sujo – grita Mauá.
– Esse assunto é meu, não se metam nisso.
- Somos tuas esposas e nos deves explicações – responde a Saly.
- Vejamos o teu procedimento nos últimos tempos – vociferou a Lu. – o teu desempenho piora a cada dia. No lugar de corrigir o que está mal, buscas mais uma. És bom na conquista, mas não aguentas connosco. Para que queres tu mais uma?
Nos olhos de Tony a surpresa, a raiva, a arrogância. Responde com grosseria e humilha-nos no habitual discurso de macho. Já esperávamos.
- O que vocês pensam que são? Sou o vosso marido, mas isso não vos dá o direito de interferir na minha vida. (CHIZIANE, 2009, p. 140).

Através do excerto anterior comprova-se que as mulheres de Tony não tinham, segundo a resposta dada pelo mesmo, por que questionar sobre os seus *assuntos*. Ele, sendo homem, podia fazer o que lhe apetecesse, sem dar satisfações a elas. Na verdade, Tony julgava que tinha

feito um favor a elas ao *lobolá-las*⁴ pois, as mesmas passaram de mães solteiras a respeitadas mulheres casadas:

Fiz-vos um grande favor, registem isso. Dei-vos o estatuto. Fiz de vocês mulheres decentes, será que não entendem? São menos cinco a vender o corpo e a mendigar amor pela estrada fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade graças a mim. Agora querem controlar-me? (Chiziane, 2009, p. 141).

Numa sociedade como esta onde o homem, como no caso específico de Tony, é livre para fazer o que entender, é poderoso, e pode ter mais de uma esposa, suas respectivas esposas não podem questionar sobre aspectos da vida do marido. O marido tem o direito de fazer o que bem lhe apraz. As mulheres casadas é que são respeitadas, e as solteiras, sentindo-se desamparadas, procuram, a todo o custo, um homem para que possam ser respeitadas, mesmo que, para tal, sejam frequentemente humilhadas, como é o caso das cinco esposas de Tony (Rami, Ju, Lu, Saly e Mauá). Mais ainda, por dependerem financeiramente de Tony, as mesmas não pensam sequer na hipótese de abandoná-lo, temendo a nódoa de serem mulheres divorciadas, que a sociedade tanto despreza. Vejamos as falas de Tony, quando decide pedir o divórcio a Rami para castigá-la:

- Rami!
- Diz!
- Tomei uma decisão. Vamos divorciar-nos.
.... – Por que o divórcio agora?
- Quero assegurar-te de uma coisa: não é por falta de amor. É punição. Quero colocar-te ao nível das outras mulheres. A tua conduta nos últimos tempos não é digna de uma esposa. Já que estás registada nos meus documentos julgas que és alguma rainha. No lugar de educares as outras esposas, instigas a atitudes maldosas. Tenho que acabar com isso... o advogado vai procurar-te dentro de alguns dias. (CHIZIANE, 2009, p. 165).

Tony acha que pode, como qualquer outro homem desta sociedade, colocar a mulher, Rami, no seu devido lugar, uma vez que a mesma começara a questionar as suas atitudes e a

⁴ Lobolar – tornar legítimo o matrimónio tradicional. O lobolo serve, na verdade, para legitimar o matrimónio e os filhos que resultarem da união entre o casal.

exigir que honrasse os seus compromissos. Contudo, para uma mulher casada, ser abandonada pelo marido ou estar divorciada era algo terrível, uma verdadeira desgraça para a família:

Ele fala e fala. Não o escuto. Estou no futuro, estou na Lua. Estou no mundo que me espera quando o divórcio se consumir. Serei uma mancha de lama no lençol imaculado da família materna. Serei nódoa de cajú, absolutamente indelével, na camisa branca do meu pai. A sociedade olhar-me-á com desprezo, piedade, maldade, como as aves que rapinam na noite. Serei enxotada a pau e pedra, como serpente [...] (CHIZIANE, 2009, p. 165-166).

Para Rami, apesar de todos os problemas e humilhações que ela passava no seu lar, o pior castigo que Tony lhe poderia dar era pedir-lhe o divórcio. Rami tinha plena consciência que, para esta sociedade, uma mulher divorciada era vista como uma inútil, algo gasto, usado e sem nenhum valor. O divórcio retira a dignidade da mulher.

Muitas são as passagens do romance *Niketche* onde fica evidente que a mulher é vista como algo inferior, mesmo quando tem alguma educação. A mulher precisa de ter um homem ao seu lado; necessita de um homem para tomar conta dela. Mais ainda, para uma mulher casada poder falar com outro homem, ela precisa da autorização do seu marido. Este aspecto é retratado em dois episódios diferentes ao longo do romance: o primeiro, quando uma velha acompanhava o marido doente e ele ralhou com ela publicamente porque a mesma deu o diagnóstico ao médico sem a sua autorização (Chiziane, 2009, p.61), e o segundo, demonstrado pela atitude de Tony, que se zangara com Rami por ela explicar ao médico sobre o seu estado de saúde quando soube do casamento da Lu, uma das suas esposas, com outro homem:

O corpo grande cai como uma árvore ceifada pelo vendaval... vou ficar viúva de verdade, viúva já não quero ser, acudam-me. Eu morro em cada morte do meu Tony. Não quero mais luto, nem túmulo, nem Kutchinga [...] Chegámos ao hospital num instante e o Tony foi colocado numa maca como um cadáver [...] Entrámos num gabinete. O médico lá estava, sorridente.

- O que houve?

Eu explico.

- Doutor, as coisas que ele dizia, as loucuras que contava, doutor, a mordedura no braço, as febres repentinas, doutor, aquela bela mulher, o casamento que vai acontecer, doutor, aquele delírio, aquela gritaria, doutor, os pesadelos, a falta de ar, doutor, o meu Tony, a dor do meu coração... as minhas rivais, somos cinco esposas, doutor...

Nesse momento ele recobra os sentidos e investe toda a sua força contra mim.

- Fecha essa boca! Como podes tu falar da minha intimidade a qualquer um se nunca te admiti? Como teu marido não permito que te comportes como qualquer peixeira. És mulher e deves pôr-te no teu lugar. (CHIZIANE, 2009, p. 284).

No excerto acima apresentado, Tony diz a Rami que ela é mulher e, como tal, devia pôr-se no seu devido lugar. O pôr-se no seu devido lugar, nesse caso, significa que Rami não deveria ter falado com o médico sem a autorização do mesmo. Tony não estava preocupado pelo facto de Rami ter contado parte da sua vida, mas sim porque ela estava a falar com outro homem. Este argumento é comprovado por Rami, que se recorda dum episódio ocorrido naquele mesmo hospital quando uma velha abandonou o marido que, grosseiramente, zangou com a velha esposa porque a mesma deu informações ao médico sobre estado de saúde do marido sem autorização do mesmo (CHIZIANE, 2009, p. 61).

Em *Niketche*, a mulher está claramente numa situação desvantajosa perante o marido. Quando a família de Tony pensou que ele estava morto, Rami foi submetida ao ritual de purificação da morte (*Kutchinga*⁵) sem o seu consentimento. Fizeram tudo o que quiseram com ela e com o seu corpo:

Onde está a minha roupa? Silêncio. Cobrem-me com um lençol branco e me arrastam para o quarto ao lado... Arrancam-me o lençol, saem do quarto e deixam-me só, tal como nasci. Meu Deus, o que querem de mim? Que mal eu lhes fiz? Dentro de mim explode um grito estrondoso, forte, dinâmico... Consolo-me. Não sou a única. Todas as viúvas desta família passaram por isto. Sinto alguma coisa quente tocando no meu ombro. É uma mão. Um braço. Sinto o cheiro de homem... Chegou a hora do *Kutchinga*, a tradição entrega-me nos braços do herdeiro. (CHIZIANE, 2009, p. 223).

Para completar este triste cenário, Rami ainda perdeu todos os seus bens e tinha que abandonar a sua própria casa, que passaria a pertencer, como manda a tradição do Sul de Moçambique, à família do marido:

Depois do funeral, a divisão de bens. Carregam tudo o que podem: geleiras, camas, pratos, mobílias, cortinados. Até peúgas e cuecas de Tony disputaram.

⁵ *Kutchinga* - cerimónia de purificação da morte.

Levaram quadros, tapetes de casa de banho. Deixaram-me as paredes e o tecto, e dão-me um prazo de trinta dias para abandonar a casa. Pilharam a mim, só a mim. As outras não. (CHIZIANE, 2009, p.220-221).

Mais ainda, a mulher, em *Niketche*, está condenada a carregar as culpas de tudo de errado que acontece no seu lar. Ela, por ser considerada a responsável pela casa, carrega toda a responsabilidade sobre as coisas negativas que acontecem na família:

“- Rami?

- Diz Tony!

- A culpa é toda tua.

- Já sabia.

Respiro um ar amargo. A corda rebenta sempre do lado mais fraco. É o ciclo da subordinação. O branco diz ao preto: a culpa é tua. O rico diz ao pobre: a culpa é tua. O homem diz à mulher: a culpa é tua. A mulher diz ao filho: a culpa é tua. O filho diz ao cão: a culpa é tua. O cão furioso ladra e morde ao branco e este, furioso, grita de novo para o preto: a culpa é tua. E a roda continua por séculos e séculos” (CHIZIANE, 2009, p. 271).

Em suma, *Niketche* reflecte intensamente as relações de poder entre os sexos masculino e feminino. Nele o masculino subjuga o feminino.

ASPECTOS RELACIONADOS COM CIDADANIA EM NIKETCHE

Antes de passarmos à análise dos aspectos relacionados com a cidadania neste romance, procuraremos apresentar o conceito de cidadania. O termo cidadania vem do latim *civitas*, que significa cidade, estado e cidadão, sendo o cidadão, entre os romanos, o homem livre. Entre os gregos, cidadania era um atributo conferido aos homens livres, ficando as mulheres à margem dos assuntos públicos (Rodrigues da Silva & Machude, 2012). Assim, cidadania é o conjunto de direitos e deveres que um indivíduo possui numa sociedade. Para Marshall (1967), a cidadania é dotada de três tipos de direitos, a saber: civil, político e social. O direito civil, instituído no século XVIII, é o direito inerente à liberdade individual, de expressão e pensamento, direito de propriedade, de justiça. O direito político, instituído no século XIX, é o direito de participar no exercício do poder político, eleger e ser eleito. O direito social, instituído no século XX, é o

conjunto de direitos associados ao bem-estar socioeconómico, desde a segurança até ao direito de partilhar o nível de vida, segundo os padrões da referida sociedade. Nesta comunicação, trataremos da cidadania, tendo em conta o direito social.

Em *Niketche* fica evidente que as mulheres foram feitas para cuidar de dois aspectos principais: o primeiro, dar continuidade à espécie humana, isto é, elas deveriam servir à procriação da espécie e, o segundo aspecto, cuidar dos assuntos domésticos (Chiziane, 2009). E a mulher que não consegue conceber é vista como uma árvore sem fruto, algo inútil, sem função.

Por serem vistas como algo inferior, cuja utilidade é dar continuidade à espécie e cuidar do lar, muitas mulheres solteiras procuravam, a todo o custo, um homem, mesmo que o referido homem fosse casado. O homem escolhido era a garantia do sustento e reconhecimento da sociedade (Ibidem, p.69).

Rami tinha plena consciência de que as amantes de Tony, ao aceitá-lo, mesmo sabendo que ele era casado, apenas o faziam por temerem a solidão e desejar mostrar à sociedade que tinham um homem formado (doutor) que cuidava delas. Tony representa, para as suas amantes, o poder económico e social:

O que querem as mulheres, à volta de um só homem? Todas tememos a solidão e por isso suportamos o insuportável. Dizem que as mulheres são muitas – as estatísticas e os próprios homens – e os homens poucos. Para dizer a verdade – parafraseando a Lu, a terceira –, há homens em quantidade suficiente. Homens com poder e dinheiro é que são poucos. Na história da nossa terra, mulher nenhuma morreu virgem por falta de homem. Para todas estas mulheres, o Tony é emprego, fonte de rendimento. (CHIZIANE, 2009, p. 69).

A partir dos comentários da Lu, terceira esposa de Tony e das restantes três, Rami tem a certeza de que, para as quatro amantes de Tony, o mesmo era a garantia para que tivessem um nível de vida aceitável segundo os padrões da sociedade. Por serem pobres, como a própria Saly, a quarta esposa disse, elas eram respeitadas pela comunidade por terem um homem que as sustentava, mesmo que o referido marido aparecesse esporadicamente:

Fui ver a Saly, a quarta. Ela [...] disse-me: teu é o que transportas contigo, no teu ventre, no teu estômago. Teu é o que comeste. Este homem dá-me aquilo que é seu. Enquanto ele estiver comigo é meu, enquanto estiver contigo é teu. E disse-me: eu sou pobre. Sem pai, nem emprego, nem dinheiro, nem marido. Se não tivesse roubado o teu marido, não teria filhos, nem existência. A minha vida seria árida como um deserto. O amor que me dá é quase nada, mas é quanto basta para me fazer florir. Deu-me estes rebentos, são dois. Deu-me momentos de felicidade que guardo nos arquivos da minha memória. Digo a toda a gente que sou casada e tenho um marido um dia por mês. E sou feliz. Há mulheres que nem sequer têm um dia de amor em sua vida. (CHIZIANE, 2009, p. 68-69).

Porém, Tony, mesmo sabendo que tinha certas responsabilidades por cumprir, como pai e amante, muitas vezes, acabava não honrando os seus compromissos: "Investiguei a vida do Tony. Ele não é tão amoroso como elas dizem. Ele não dava assistência como devia. Chegava lá, mergulhava e saía. Passava a maior parte do tempo com Mauá.". (CHIZIANE, 2009, p. 105).

Em *Niketche*, as mulheres deveriam permanecer no espaço doméstico, gerindo a família e cuidando de tudo o que se circunscrevesse ao lar. Contudo, devido às constantes humilhações e sofrimento que suportaram nas mãos de Tony, Rami, a primeira esposa de Tony, decidiu que ela e as suas rivais (agora transformadas em amigas e aliadas após o lobolo das 4) deveriam iniciar algum negócio informal para saírem da dependência económica a que estavam sujeitas. Rami explica às rivais que, sem emprego e rendimento, estariam sujeitas a pedir dinheiro ao esposo Tony. Ela convence as suas rivais e aliadas que precisavam mudar aquele triste cenário. Neste contexto, Rami emprestou algum dinheiro que tinha a Saly que, depois de algum tempo a reembolsou. De Saly, Rami emprestou o dinheiro a Lu, acabando por emprestar a todas elas, que iniciaram um negócio informalmente. Rami juntou-se a Lu na venda de roupa usada:

[...]Peguei num dinheiro que tinha guardado e emprestei a Saly [...] Transferi o dinheiro das mãos de Lu para a Mauá e dei a Ju algum dinheiro que o Tony me dera um dia para guardar. A Mauá começou a tratar dos cabelos, a desfrisar cabelos, coisa que ela entende muito bem. Começou na varanda da sua casa [...] Eu decidi ir com a Lu para a venda de roupas. Vendemos no mercado da esquina onde há grande clientela" (CHIZIANE, 2009, pp. 117-118).

A partir dos seus pequenos negócios informais, Rami e as rivais conseguiram prosperar, chegando mesmo a ampliar e conquistar o seu espaço no mercado de trabalho: Mauá tornou-se cabelereira profissional, Rami e Lu abriram lojas, etc. Elas tornaram-se independentes financeiramente:

Vendemos roupa usada durante seis meses. Criámos capital. A Lu e eu, cada uma de nós abriu uma loja pequena para vender roupas novas e o negócio começou a prosperar. A Saly construiu uma loja. Vende bebidas por grosso. Tem um café e um salão de chá. A Ju conseguiu fazer um pequeno armazém e já vende bebidas por grosso. A Mauá abriu um salão cabelereiro no centro da cidade e continua a fazer trabalho na garagem da casa. Tem uma clientela que nunca mais acaba. (CHIZIANE, 2009, p. 122).

Tendo os seus próprios negócios a prosperarem e ao sentirem financeiramente independentes, as quatro esposas de Tony não mais aceitaram a situação a que estavam sujeitas e procuraram arranjar parceiros que as respeitassem e as quisessem como primeira esposa. Para elas, a independência financeira foi, na verdade, o passaporte para a liberdade social que tanto almejavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto tinha como objectivo analisar a questão do género e cidadania no romance *Nikette* com enfoque para o modo como se estabelecem as relações entre os sexos masculino e feminino. Ao longo da nossa pesquisa fomos constatando que a mulher, na sociedade retratada na obra, é sempre colocada numa posição subalterna em relação ao homem. Esta situação, embora socialmente aceita por muitas mulheres e outros membros da sociedade, conduz as personagens femininas a unir esforços para inverter a situação. Assim, das dificuldades/humilhações a que estiveram expostas as cinco esposas de Tony, as mesmas conseguiram alcançar a emancipação social e independência financeira. Há, em *Nikette*, um processo de libertação do jugo e poder masculino e da consciência de se estar livre, com direito a um casamento condigno. Este processo passa necessariamente por quebrar certas normas sociais. As mulheres em *Nikette* são o símbolo de novas ideias dentro de uma sociedade maioritariamente dominada por homens.

REFERÊNCIAS

CABRAL, F.; DIAZ, M. Relações de gênero. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda. p. 142-150, 1999.

CHIZIANE, P. **Niketche**. 6 Ed. Maputo: Ndjira, 2009.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.63, 1967.

RODRIGUES DA SILVA, L.B.V.; MACHUDE, A. **Manual de História das Ideias**. Maputo: UEM-EAD, 2012.

RECEBIDO EM 16 DE OUTUBRO DE 2012.

APROVADO EM 20 DE DEZEMBRO DE 2012.